

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL

VICTÓRIA BARRETO MENDONÇA RODRIGUES

*“EU NUNCA VI UM CASAMENTO ASSIM!”: uma análise da representação das
comunidades ciganas estadunidenses em *Meu Grande Casamento Cigano**

NITERÓI
2025

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL

“EU NUNCA VI UM CASAMENTO ASSIM!”: uma análise da representação das comunidades ciganas estadunidenses em *Meu Grande Casamento Cigano*

VICTÓRIA BARRETO MENDONÇA RODRIGUES

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação em
Produção Cultural da Universidade Federal
Fluminense como requisito parcial para
obtenção do Grau de Bacharel.

Orientadora:
Prof. Dra Daniela Mazur

NITERÓI
2025

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

R696? Rodrigues, Victória Barreto Mendonça
?EU NUNCA VI UM CASAMENTO ASSIM!?: : uma análise da
representação das comunidades ciganas estadunidenses em Meu
Grande Casamento Cigano / Victória Barreto Mendonça
Rodrigues. - 2025.
46 f.: il.

Orientador: Daniela de Souza Mazur Monteiro.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação)-Universidade
Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social,
Niterói, 2025.

1. Ciganos. 2. Romani. 3. Estereótipos. 4. Reality Show
Estadunidense. 5. Produção intelectual. I. Monteiro, Daniela
de Souza Mazur, orientador. II. Universidade Federal
Fluminense. Instituto de Arte e Comunicação Social. III.
Título.

CDD - XXX



COORDENAÇÃO DE
PRODUÇÃO CULTURAL



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL

ATA DA SESSÃO DE ARGUIÇÃO E DEFESA DE TRABALHO FINAL II

Ao dia **dez de julho do ano de dois mil e vinte e cinco**, às **onze horas**, realizou-se a sessão pública de arguição e defesa do Trabalho Final II intitulado “**EU NUNCA VI UM CASAMENTO ASSIM!**”: uma análise da representação das comunidades ciganas estadunidenses em **Meu Grande Casamento Cigano**, apresentado por **Victória Barreto Mendonça Rodrigues**, matrícula **219033077**, sob orientação do(a) **Dra. Daniela de Souza Mazur Monteiro**. A banca examinadora foi constituída pelos seguintes membros:

- 1º Membro (Orientador(a)/Presidente): **Dra. Daniela de Souza Mazur Monteiro**
2º Membro: **Dra. Melina Meimaridis**
3º Membro: **Dra. Maria Teresa Mattos de Moraes**

Após a apresentação do(a) candidato(a), a banca examinadora passou à arguição pública. O(a) discente foi considerado(a):

☒ Aprovado

☐ Reprovado

Com nota final após arguição: 9,5

E para constar do respectivo processo, a coordenação de curso elaborou a presente ata que vai assinada pelo presidente da banca:



Documento assinado digitalmente
DANIELA DE SOUZA MAZUR MONTEIRO
Data: 11/07/2025 20:03:14-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. Daniela de Souza Mazur Monteiro
Presidente da Banca

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu pai, Luiz Claudio Mendonça Rodrigues, que, ao passar noites de trabalho em claro, me possibilitou ter condições materiais de chegar até aqui. Sou quem eu sou por sua causa.

Agradeço a minha avó, Marli Mendonça Rodrigues, por abrir as portas de sua casa e me permitir fazer morada. Obrigada por ser uma avó tão carinhosa e dedicada, que cuida de mim com tanto amor. A senhora é o meu lar.

Agradeço a Cadu, por sempre acreditar em mim e ser a minha melhor companhia. Você é quem acalenta meu coração.

Agradeço aos amigos e colegas de trabalho da Agência Nacional de Cinema por todo o apoio e amizade nesse período de realização de trabalho.

Agradeço à minha orientadora Dra Daniela Mazur por receber meu trabalho com tanto carinho e sempre estar à disposição para me auxiliar nesta jornada de escrita.

Agradeço a Dra Maria Teresa Mattos e Dra Melina Meimaridis por aceitarem o convite para compor a banca de defesa da minha monografia.

RESUMO

O presente trabalho objetiva analisar e investigar a maneira que as comunidades ciganas estadunidenses são abordadas no reality show “Meu Grande Casamento Cigano”, produzido pelo canal TLC. A hipótese levantada é que o programa televisivo tinha a proposta de apresentar a cultura cigana para os telespectadores, mostrando hábitos, explicando suas origens e destrinchando detalhes da cultura. Porém, com a abordagem escolhida, repleta de sensacionalismo, o reality show auxilia na perpetuação de estereótipos e preconceitos contra esses grupos. Além disso, foi realizado um levantamento e análise de três arquétipos a fim de questionar a representação estereotipada dos grupos Romani na televisão.

Palavras-chaves: Ciganos; Romani; Estereótipos; Reality Show Estadunidense.

ABSTRACT

This paper aims to analyze and investigate how American Romani communities are portrayed in the reality show *My Big Fat American Gypsy Wedding*, produced by the TLC channel. The working hypothesis is that the television program initially intended to present Romani culture to viewers by showcasing customs, explaining origins, and exploring cultural details. However, due to its sensationalist approach, the reality show ends up contributing to the perpetuation of stereotypes and prejudice against these groups. Additionally, a survey and analysis of three archetypes were conducted in order to question the stereotypical representation of Romani groups on television.

Keywords: Gypsies; Romani; Stereotypes; American Reality Show.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Noiva Cigana (Ep.1)	19
Figura 2 - Noiva e Sondra Celli	20
Figura 3 - Briga (Ep. 6)	21
Figura 4 - Esmeralda	27
Figura 5 - Nettie Stanley e seus filhos (Ep. 4)	30
Figura 6 – Mellie Stanley alcoolizada (Ep.4)	31
Figura 7 - Homem Cigano (Ep. 4)	32
Figura 8 - Imagem de divulgação do Reality Show Irmãs Ciganas	38

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. OS POVOS CIGANOS SEGUNDO O REALITY SHOW	14
1.1 Estilo de Vida e Divisão do Trabalho	15
1.2 Casamentos	17
1.3 Conflitos.....	21
2. REPRESENTAÇÕES MÍDIÁTICAS DOS POVOS CIGANOS E SEUS	
ARQUÉTIPOS	24
2.1 Arquétipo da Mãezona	29
2.2 Arquétipo da Cigana Selvagem	30
2.3 Arquétipo do Machão Briguento	31
2.4 Reflexão a partir dos arquétipos	33
3. REPERCUSSÃO E EFEITOS CAUSADOS PELOS ESTEREÓTIPOS	34
3.1 Spin off	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41

INTRODUÇÃO

Em abril de 2012, a televisão estadunidense ganhou um novo reality show. Reproduzida no canal por assinatura TLC, famoso por seus programas de cunho sensacionalistas, a atração *My Big Fat American Gypsy Wedding* (2012-2018), em português traduzido como *Meu Grande Casamento Cigano*, surge como um spin-off¹ do reality show britânico *Big Fat Gypsy Weddings* (Channel 4, 2011-2012) que explorava as tradições e costumes das comunidades de ciganos ingleses. Dessa vez, o objetivo era retratar os estilos de vida das comunidades ciganas estadunidenses. A atração prometia promover uma espécie de visão privilegiada da “vida secreta” dos ciganos estadunidenses e durou por seis temporadas até ser encerrada no ano de 2018. Mas o que é ser cigano na contemporaneidade e por que esses povos causam tanto interesse?

O termo cigano é um exônimo para Romani (ou Rom, Rhom) e denomina um conjunto de povos caracterizados principalmente pelo nomadismo, que tem como principal ferramenta de transmissão de sua cultura e memória a tradição oral e que são historicamente marginalizados. Presentes em todas as nações do mundo, são chamados de algumas maneiras diferentes, como “gitanos”, “ciganos”, “zíngaros”, entre outros.

Não se sabe ao certo a origem desses povos e de sua cultura, porém, existem algumas linhas de pesquisa e relatos de estudiosos que explicam ascendências possíveis. Vale ressaltar que ainda existem divergências entre os pesquisadores de ciganologia em relação a essa origem. A teoria mais popular é de que os ciganos teriam em comum uma origem proveniente da Índia. Essa ideia se deu principalmente através de estudos etnolinguísticos comparativos entre o romanê (língua cigana) e o sânscrito (língua da Índia antiga). Fato é que a bagagem cultural desses povos pode indicar um traçado de seu caminho e, a partir da análise de seus costumes, gosto e linguagem, é possível apontar sua ascendência.

Portanto, se comparando a língua, fontes de informação, testemunhos escritos e análises linguísticas e genéticas confirmam que notadamente são originários da parte do subcontinente Indiano, possivelmente região do Punjab, e sem falar nos traços e do tipo físico (rosto comprido e estreito na

¹ Termo utilizado para se referir a criação de um produto a partir de algo já existente.

altura do pômulos, cabelos e olhos negros, pele bronzeada, nariz agudo, boca pequena, corpo robusto etc.) e algumas crenças religiosas delineia-se uma trilha geográfica que irá chegar no noroeste indiano. (SOUZA, 2019, p. 9)

Essa ideia é contraposta por Marcio Edovilson Arcas e Ademilson Batista Paes, 2020, que se utilizam de fontes ciganas para traçar um perfil histórico de formação dessas comunidades:

A pesquisadora cigana Jordana Aristicth (1995) discorre que não há como afirmar com precisão a origem cigana somente com o que fora apresentado e ainda ressalta que tal cultura pode ser mais antiga do que o próprio sistema hinduísta. Propõe, ainda, um traçado de migração em que os ciganos passam a se espalhar por toda a Europa a partir do leste, chegando na Península Ibérica desde as Invasões Mouras, permanecendo mesmo com o fim das Guerras de Reconquista. Conhecendo o território, os ciganos teriam estabelecido rotas comerciais por toda a Península (ARCAS; PAES, 2020, p. 133).

Os povos ciganos sempre foram julgados e definidos a partir da narrativa europeia, sem espaço para que sejam interlocutores de suas vivências. Dessa forma, ainda hoje são colocados como coadjuvantes de suas próprias histórias, sobrando assim apenas apelos pejorativos de suas existências. Os autores ainda citam o texto “Pode o subalterno falar?” (SPIVAK, 2010, p. 54), que aborda justamente o fato de autores europeus sempre tentarem explicar o mundo a partir do ponto de vista europeu, ou seja, da perspectiva do colonizador. Ainda conforme o texto, esse olhar perante regiões e povos colonizados sempre irá falhar, sobretudo quando se analisa as culturas ciganas, que são ágrafas e nômades, culturas essas que compartilham suas tradições e saberes de forma oral.

De acordo com a autora Mirian Stanescon (2007), a explicação que é difundida na maior parte dos estudos acadêmicos sobre a origem dos povos ciganos, não condiz às informações repassadas nas tradições orais.

Minha avó Yordana Stanescon, conhecida e respeitada pelo meu povo como BIBI YORDANA, a PHURI DJIEÍ (matriarca, dona da sabedoria), nossa rainha, nos ensinava: “Nosso povo saiu do fundo da terra, e fomos

então escravizados pelos egípcios. Foram tantas as humilhações e os maus-tratos a que fomos submetidos, que na época criou-se um dialeto próprio, o ROMANÊS, para que nos comunicássemos, sem que nossos algozes compreendessem o que falávamos...” (STANESCON, 2007, p.7)

Outro conceito relevante a se destacar é o de orientalismo, desenvolvido originalmente por Edward Said (1978). Essa linha de pensamento busca investigar a forma como os ocidentais entendem o Oriente, partindo do princípio do mundo dividido em dois blocos: Ocidental (civilizado, “normal”) e Oriental (bárbaro, exótico). Essa visão cria e reforça preconceitos contra os povos do Oriente, pois está diretamente ligada ao colonialismo e à ideia de que só o Ocidente é capaz de trazer o avanço social. Porém, “a criação de estereótipos e generalizações negativas não recaem apenas nos povos orientais”, destacam os autores Paschoal, Assunção, Prestes, Lelis (2023, p. 502). O anticiganismo é uma forma de racismo complexa e historicamente constituída, que tem características homogeneizadoras e atribuidoras de características.

O conceito de Anticiganismo foi desenvolvido para dar conta do mesmo processo, porém pensando no contexto específico dos povos ciganos. Esse termo foi cunhado em espaços acadêmicos e entre as comunidades ativistas em relação às causas da etnia Roma na luta por direitos sociais. As discussões sobre o Anticiganismo não giram em torno de um grande autor, como acontece no caso do orientalismo de Edward Said. O que encontramos são diferentes construções que agregam ao desenvolvimento do Anticiganismo enquanto teoria de referência à exclusão, perseguição e marginalização históricas do povo Roma, popularmente conhecidos como ciganos. (PASCHOAL; ASSUNÇÃO; PRESTES; LELIS, 2023, p. 502)

Além disso, no território europeu, os ciganos são vistos como representantes do que se entende por “oriental”, devido à possível conexão étnica com povos asiáticos e a sua trajetória de migração percorrida no Oriente Médio antes da chegada à Europa. Ou seja, o considerado oriental era o não-europeu, não-branco, “bárbaros” ou “forasteiros”.

Fato é que os povos Romani sofreram perseguições por séculos por carregarem valores e estilos de vida diferentes dos europeus, sendo assim, considerados intrusos exóticos. Como consequência direta desta construção

simbólica, durante a Segunda Guerra Mundial, os ciganos foram um dos grupos perseguidos pelos nazistas e dizimados em campos de concentração, juntamente com judeus, homossexuais e opositores políticos. É estimado que cerca de 2.5 milhões de ciganos tenham sido mortos durante o regime nazista (SOUZA, 2019).

Existem duas linhas de análise que explicam a razão da perseguição contra ciganos por parte dos nazistas: uma delas considera que os Romani eram um alvo, pois eram um grupo étnico que os nazistas objetivavam eliminar, enquanto a outra linha afirma que os nazistas tinham como propósito destruir os romani não por serem um grupo étnico, mas sim um problema social (SAMBATI, 2018). Este episódio é chamado pelos Romani de “Porajmos”.

Desde o século XIX a imigração dos povos Romani para os Estados Unidos seguia um ritmo constante, porém sofreu um aumento após o Porajmos na Alemanha Nazista e o colapso das experiências comunistas pela Europa. De acordo com a Associação Histórica do Estado do Texas, é previsto que hoje mais de um milhão de pessoas de origem cigana vivem nos Estados Unidos e estima-se que haja atualmente mais Romnichals nos Estados Unidos do que na própria Inglaterra. Porém, apesar de nos dias de hoje já estarem inseridos na cultura estadunidense, os povos Romani são pouco reconhecidos pelos estadunineses comuns como um povo. Dessa forma, suas culturas e tradições acabam sendo pouco difundidas.

A maioria dos americanos que conheci não sabem muito sobre o povo Romani. Eles sabem sobre os ciganos, mas não como um grupo étnico real, pessoas reais. Eles os veem mais como uma fantasia de Halloween, um papel que você desempenha uma vez por ano. (GRIGORE, 2011)

Os grupos Romani estadunidenses costumam se identificar com uma origem mais recente de sua descendência, o local que seus antecedentes se encontravam antes da imigração para o continente americano. Nos Estados Unidos encontramos grupos de diversas origens e tradições, como por exemplo os Viajantes Escoceses, os Ludar (originários dos Balcãs e Hungria) e os Romanichals, que tem ancestralidade inglesa. O reality show *Meu Grande Casamento Cigano* apresenta comunidades de diversas origens, porém, acaba tendo os Romanichals como personagens principais durante as temporadas, por isso, neste trabalho, esse grupo será o foco.

Os episódios costumam apresentar duas famílias, cada uma com um evento social prestes a acontecer. Em sua maioria são casamentos, porém, ao longo dos episódios, o espectador também é apresentado a batizados, chás de bebê e festas de aniversário. Apesar da temática do reality show o aproximar de outros programas sobre casamento, já em sua apresentação o espectador é introduzido a um contexto peculiar, permeado por eventos extravagantes, com vestidos de noiva escandalosos, brigas e confusões. Além de introduzir a temática das festividades, o programa oferece a oportunidade para discutir sobre costumes e tradições das comunidades ciganas, que, apesar de comumente serem resumidos e compreendidos como um grupo homogêneo, apresentam suas diferenças no que diz respeito a origem e tradições.

Ademais, como dito anteriormente, os grupos ciganos sofrem com um preconceito muito grande e carregam estigmas por séculos. Em geral, a ideia de que são briguentos, violentos e não confiáveis. Mesmo que já inseridos no estilo de vida estadunidense, essas comunidades carregam um forte descrédito no que diz respeito a sua ética e comportamento, o que leva à manutenção da marginalização e na perpetuação desses estereótipos preconceituosos e errôneos, que homogenizam comunidades que são múltiplas e apresentam diferenças notáveis.

Nesse sentido, os conflitos podem ser considerados como um segundo norteador dos episódios, ficando atrás apenas das festividades. Os atritos familiares estão presentes em basicamente todos os núcleos apresentados e, quando não são brigas históricas (como desavenças geracionais entre famílias), se desenrolam durante o episódio, geralmente causados pelo evento que está sendo organizado. Esses conflitos acontecem entre os próprios ciganos e, em alguns momentos, entre ciganos e *gadges*². Esses comportamentos exagerados são exibidos repetidamente por todos os episódios e associados ao modo de vida e tradição ciganas, como uma espécie de traço da cultura desses grupos, algo que reforça os estereótipos.

Dessa forma, este trabalho tem como hipótese de que *Meu Grande Casamento Cigano* tinha a proposta apresentar a cultura cigana para os telespectadores, mostrando hábitos, explicando suas origens e destrinchando detalhes da cultura. Porém, com a abordagem escolhida, o programa auxiliou na perpetuação de pensamentos preconceituosos, espetacularizando e

² Termo utilizado para se referir a alguém de fora da comunidade, um não-cigano.

sensacionalizando conflitos, crenças e tradições, ao optar pela representação das comunidades por uma óptica de exotismo, dessa forma, reforçando estereótipos racistas. Ademais, uma vez que o programa se propõe a ser um reality show, uma atração que promete mostrar a “realidade”, os preconceitos são ainda mais legitimados.

O canal TLC, exibidor e produtor da versão estadunidense do programa, é conhecido por transmitir reality shows sensacionalistas sobre grupos historicamente marginalizados e estereotipados, como: pessoas com deficiência, obesos, imigrantes, entre outros. Por isso, é possível associar que a abordagem preconceituosa e orientalista escolhida em *Meu Grande Casamento Cigano* foi incentivada pela emissora em que o programa foi exibido.

Nesse sentido, este trabalho desenvolve no primeiro capítulo uma análise dos aspectos da cultura cigana abordados em *Meu Grande Casamento Cigano*, além de uma investigação a respeito do canal televisivo TLC. Já o segundo capítulo propõe uma análise das representações midiáticas dos povos ciganos e seus arquétipos. O terceiro e último capítulo objetiva, através de um viés crítico, discutir sobre a repercussão e os efeitos causados pelos estereótipos, além de refletir sobre como o programa corrobora com a manutenção de uma má representação dos povos ciganos.

A metodologia utilizada será a revisão bibliográfica e a análise do reality show *Meu Grande Casamento Cigano*. Além disso, o programa não foi analisado em seu idioma original, a língua inglesa. A análise foi realizada a partir do conteúdo dublado para a língua portuguesa disponível na plataforma de streaming por assinatura MAX.

O objetivo desta monografia é detalhar e investigar a maneira como os eventos sociais abordados na obra *Meu Grande Casamento Cigano* são utilizados para explicar o estilo de vida das comunidades ciganas, além de refletir sobre a forma que são abordados os conflitos que permeiam os episódios, tanto entre os próprios ciganos, quanto com os não-ciganos. Este texto também se propõe a analisar a forma com a qual o reality show aborda os papéis estabelecidos por homens e mulheres dentro da sociedade, considerando pontos como trabalho, relações interpessoais, comportamento, estigmas, regras sociais, crenças, tradições e superstições. Além disso, o trabalho textual se propõe a refletir acerca das problemáticas dessas representações na mídia.

1. OS POVOS CIGANOS SEGUNDO O REALITY SHOW

Um reality show é um tipo de programa que se apoia na vida real, “um vasto número de programas televisivos que, de forma nem sempre assumida, cruzam as fronteiras da informação e do entretenimento, do drama e do documentário, da ficção e da realidade” (MATEUS, 2012, p. 243). O primeiro programa desse gênero produzido na televisão foi a série *An American Family*, transmitida em 1973 nos Estados Unidos. O programa ficou conhecido por lidar com temas como: divórcio e homossexualidade, assuntos tabus na época. Desde então, diversos outros programas do gênero foram criados ao redor do mundo para saciar o desejo dos telespectadores, pois, segundo Nelson Rodrigues (apud JABOR, 2002), esse gênero serve para satisfazer a nossa fome de verdade, diferente das novelas que servem para satisfazer nossa fome de mentiras, pois as novelas são produtos criados com o objetivo de serem ficcionais, já os reality shows, prometem uma realidade a ser exposta.

Nos primeiros minutos de seu primeiro episódio, *Meu Grande Casamento Cigano* promete apresentar, sem precedentes, o “mundo misterioso” dos ciganos estadunidenses. De batismos e aniversários aos casamentos mais diferentes do país, o reality show utiliza das festividades para expor um pouco do estilo de vida dessas comunidades. De acordo com Mateus (2012), a saliência da vida cotidiana é o primeiro traço mobilizador que destacamos do gênero reality show. Ele acrescenta que esta ênfase no cotidiano permitiu que fosse possível que pessoas comuns fossem protagonistas das narrativas, não em situações artificiais como em estúdios, mas nas situações prosaicas, do dia-a-dia.

A primeira temporada do programa apresenta ao público de forma praticamente inédita a cultura cigana e, por isso, os episódios são narrados de maneira mais didática, a fim de explicar costumes e tradições, porém de forma mais simplificada e generalista. As narrações explicam não só os contextos dos eventos, mas também dão uma perspectiva histórica para os acontecimentos. Por isso, este trabalho utiliza como metodologia principal a análise da primeira temporada de *Meu Grande Casamento Cigano*, além de revisão bibliográfica. Os episódios analisados serão: Ep. 1 - Noivas Ciganas Virgens; Ep. 3 - O Mundo é dos Homens; Ep. 4 - Mellie, a Cigana Selvagem; Ep. 6 - Duelo no Altar.

Durante o processo de pesquisa, todos os episódios do reality show foram analisados e assistidos, porém, a primeira temporada já delimita muito bem os arquétipos mais clássicos que o programa apresenta como “padrão” dos grupos ciganos. Além disso, os episódios 1, 3, 4 e 6 foram selecionados, pois dentro da temporada escolhida, apresentam enredos muito marcantes, que discutem assuntos que são pertinentes para a realização da pesquisa.

Todos os capítulos apresentam dois núcleos diferentes, cada um deles mostra a organização de uma festividade, ou seja: são sempre duas famílias realizando eventos distintos. Essas festas costumam ser casamentos, mas a obra também apresenta festas de aniversário, batizados, bailes, chás de bebê, entre outros. O reality show explora diversas localidades por todo os Estados Unidos. Todas as temporadas do reality show apresentam a mesma configuração dos episódios.

1.1 Estilo de Vida e Divisão do Trabalho:

Historicamente quando diz respeito à divisão sexual do trabalho, a mulher tem como atribuição prioritária o âmbito reprodutivo, enquanto o homem é designado ao âmbito produtivo. De acordo com Hirata e Kergoat (2020), todas as sociedades conhecidas operam com a divisão entre “trabalho de homem” e “trabalho de mulher”. Essa divisão costuma ser, sobretudo, uma hierarquização, onde o trabalho desempenhado pelo homem tende a ter mais valor do que o desempenhado pela mulher, tanto no plano simbólico quanto no plano econômico.

“O trabalho tem que ser tomar conta dos filhos, da casa e do marido. É isso o que uma mulher Romani faz”, destaca a participante Kayla Williams, na abertura do episódio 4. Ao longo dos episódios é mostrado ao telespectador que os papéis de gênero são bem definidos dentro da sociedade cigana. Desde a infância, as mulheres são preparadas para se tornarem esposas e donas de casa, por isso, a grande parte dessas meninas para de frequentar a escola durante a adolescência. No decorrer do programa são mostradas algumas poucas meninas adolescentes que frequentam a escola e trabalham, porém, sempre existe uma influência externa para que elas larguem essas atividades e se casem cedo, geralmente por incentivo familiar.

É esperado que essas meninas se casem por volta dos 16 ou 17 anos com algum rapaz de dentro da comunidade, virgens e que sejam mães. Ou seja, o papel da mulher cigana, segundo o reality show, é servir sua família, cuidar da casa e de si mesma. A vaidade dessas mulheres e a importância da estética para os ciganos são questões bastante abordadas durante os episódios. No programa as mulheres usam roupas curtas, reveladoras e cheias de brilho, enquanto os homens sempre se mostram preocupados com os cabelos penteados. Ambos se importam muito com a aparência.

Mais uma problemática que se pode abordar a respeito da forma em que a figura feminina é abordada na atração fica clara no episódio 4: a mania de limpeza. Nesse episódio, essas mulheres são retratadas não só como pessoas organizadas e limpas, mas sim como viciadas em limpeza. São mostradas longas cenas das personagens limpando suas casas e chega ao exagero de uma delas revelar que usa água sanitária para escovar os dentes com o objetivo de clareá-los. Esse seria mais um exemplo não só de excesso no âmbito da limpeza, mas uma excentricidade em nome da estética.

Já aos homens cabe o sustento financeiro da casa e o papel de provedores. Menos explorados durante o reality show, as figuras masculinas das famílias ciganas são mostradas como pessoas que trabalham pesado, geralmente com pavimentação e construção civil. Enquanto a criação das meninas costuma ser bastante rígida, os meninos são de certa forma mais livres dentro da comunidade, não sofrem muitos julgamentos, mas é esperado que casem com mulheres ciganas.

“Os homens são mais próximos de outros homens do que das esposas. Eles não passam muito tempo com as esposas. Os homens ficam com os homens e as mulheres com as mulheres”, reflete a estilista Sondra Celli no episódio 3, oferecendo a perspectiva de alguém que não faz parte de uma comunidade cigana. Como eles passam muito tempo na estrada em busca de trabalho, os casais acabam se distanciando por longos períodos. Além disso, é esperado que as ciganas não saiam desacompanhadas, sendo casadas ou solteiras. Dessa forma, mulheres acabam saindo acompanhadas de outras mulheres e os homens de outros homens.

No entanto, o estigma relacionado a serem pessoas violentas e briguentas sempre recai sobre a figura masculina ao longo dos episódios, ideia que é corroborada no decorrer do programa. Exemplo disso é o episódio 4, onde a festa é

arruinada por um homem da comunidade que não foi convidado para o evento. Ele age de forma violenta com os funcionários do local e o evento é encerrado pela polícia. Além disso, muitos personagens são pessoas que já tiveram problemas com as autoridades e foram presos. Nesse sentido, enquanto os homens são retratados como agressivos, as mulheres são retratadas como histéricas, o que não é uma novidade em reality shows sobre casamento. As brigas entre personagens do gênero feminino são ainda mais comuns do que as entre do gênero masculino e todos os episódios analisados neste trabalho contém pelo menos uma briga entre mulheres. Essas brigas costumam ser engatilhadas por causa do evento que está sendo organizado durante o episódio ou por uma questão familiar.

Ademais, por já estarem inseridos na cultura estadunidense, os Romani, em sua maioria, não vivem mais em acampamentos. Como mostrado na atração, alguns deles vivem com suas famílias em trailers e viajam pelo país, já outros se estabelecem em casas. No entanto, a visão de que os ciganos moram apenas em casas móveis e acampamentos segue como um estereótipo sobre a cultura Romani. Há uma visão preconceituosa de que os povos ciganos são andarilhos e forasteiros, porém, o que fica claro é que essas comunidades são plurais e que hoje esses povos não precisam mais se esconder como antes.

1.2 Casamentos

“Ela é Romani e o primeiro beijo tem que ser em cima do altar. Essa tem que ser a primeira vez que as meninas beijam!”, essa fala retirada do episódio 1 representa exatamente o que é esperado de uma noiva cigana. Que case cedo, virgem e com um rapaz da comunidade da qual fazem parte. De acordo com o programa, as meninas Romani são criadas de forma mais rigorosa e é esperado que não tenham relações íntimas com garotos até se casarem.

É mostrado ao espectador que a sociedade cigana é rígida a respeito do que se espera da conduta de uma mulher, então qualquer atitude que saia do esperado, é considerada uma desonra. Um desses comportamentos que é muito comum e televisionado é o ato de fugir para casar. Como desde cedo essas meninas são estimuladas a serem donas de casa e a constituírem cedo uma família, muitas delas fogem da casa de seus pais para casar enquanto ainda são muito jovens. Esse ato costuma ser realizado quando as famílias não apoiam o matrimônio e é uma

desonra para a mulher, que passa a ser mal vista pela comunidade. “A cultura cigana tem muitas regras. Não importa quantos anos você tem. Se a menina mora com os pais e for Romani vai ter que seguir as regras deles. O casamento é uma fuga para se livrar dos pais”, ressalta a participante Mellie Stanley no episódio 6, ao se referir a uma jovem que sai da casa de seus pais para viver com o noivo, apesar de sua família ser contra a relação.

Outro ponto importante a ser destacado é a dificuldade de aceitação de não-ciganos que pretendem entrar na comunidade a partir do casamento. Esse tema é central em alguns episódios, com principalmente mulheres *gadges* tentando a inserção dentro dos grupos ciganos e sendo rejeitadas, exemplo disso é o episódio 3, onde uma jovem tenta entrar na comunidade através do casamento, porém sente dificuldade, pois não conhece muito sobre o estilo de vida desse grupo. “Uma *gadge* pode até viver com um Romani, mas nunca vai ser uma cigana porque não está no sangue dela”, ressalta um homem Romani na abertura do primeiro episódio de *Meu Grande Casamento Cigano*. Cabe ressaltar que o relacionamento entre pessoas do mesmo gênero também é mostrado no programa como um grande tabu. Por outro lado, uma coisa que se mostra normalizada é a união matrimonial entre primos, assunto que foi inclusive a trama central no episódio 7 da primeira temporada, intitulado “Beijando Primos”.

O casamento não é apenas um símbolo de união, mas também a demonstração de status e poder, dessa forma, os casamentos ciganos são extravagantes, animados, com música e muita dança. De acordo com o reality show, as noivas ciganas nos Estados Unidos costumam usar vestidos grandes, coloridos e caros. É comum que possuam muitos brilhos, que sejam muito pesados e bem maiores que a própria noiva. Uma cena comum durante o programa é a noiva, após experimentar o vestido, tentar passar por uma porta ou entrar em um carro e não conseguir por conta do tamanho da roupa. “Ser a noiva mais bonita e superar os últimos casamentos ciganos é o objetivo de toda garota Romani. Quando se trata do vestido de noiva, maior é sempre melhor, não importa a dificuldade para vestir.”, observação feita no episódio 6. As roupas incomuns e chamativas são, inclusive, uma das maiores razões pela popularidade do programa. Além disso, planejar o casamento é uma tarefa exclusiva das mulheres.

Figura 1 - Noiva Cigana (Ep.1)



Fonte: Pinterest

O reality show opta por uma óptica de exotismo na medida em que aborda não só os eventos como “os casamentos mais loucos dos Estados Unidos”, mas também na maneira em que exhibe os eventos e os personagens. Os participantes do programa são tratados como pessoas excêntricas, com uma cultura e costumes exóticos.

No reality show, esses vestidos são produzidos por uma estilista chamada Sondra Celli. Ela é não-cigana, mas, como mostrado na produção, confecciona roupas para membros das comunidades de todo os Estados Unidos há muitos anos. Na abertura do primeiro episódio da primeira temporada, Sondra diz, em tradução livre: “A primeira vez que eu vi ciganas eu achei que elas se vestiam como prostitutas, com roupas curtas, coloridas, sensuais, mas, na verdade, elas têm valores morais”. Essa visão preconceituosa é mais comum do que parece. As mulheres ciganas são, no geral, estigmatizadas e mal vistas pelos não-ciganos a respeito de como se vestem, mesmo que dentro da comunidade os valores da castidade sejam pregados, elas são vistas como garotas “fáceis” e com moral duvidosa.

Sondra está em todos os episódios, produz roupas para todos os tipos de eventos e é mostrada como a estilista favorita das ciganas, uma espécie de “fada madrinha” que realiza os desejos e pedidos mais complexos dessas mulheres. Ela lida com conflitos e traz materialidade aos sonhos. Porém, apesar do contato direto

com esses povos por anos, ainda sim reproduz falas que reforçam estigmas, como a destacada acima.

Figura 2 - Noiva e Sondra Celli



Fonte: Facebook

Por serem constantemente vítimas de preconceito, os ciganos são mal vistos até mesmo na hora de celebrarem. É citado diversas vezes ao longo do programa que existe uma dificuldade no que diz respeito à disponibilidade de locação de espaços de evento para pessoas ciganas. Muitos locatários não alugam salões para ciganos, pois associam essas festas a confusão. Por outro lado, esses eventos sendo encerrados pela polícia ou situações de confusão desencadeadas durante festas são cenas comuns.

Nesse sentido, é possível afirmar que a abordagem escolhida pelo reality show corrobora com os preconceitos na medida em que buscam expor esses conflitos de uma maneira sensacionalista, colocando os participantes em papéis de baderneiros e violentos. Esse tipo de conteúdo reforça a abordagem do canal TLC, que preza a vitrine do “exótico” e, nesse caso, o foco é mostrar os ciganos como excêntricos e incivilizados.

1.3 Conflitos

Pode-se considerar os conflitos estabelecidos durante o reality show como um segundo norteador dos episódios, atrás apenas dos eventos. Em todos os capítulos existem conflitos, antes, durante e após as festividades. Essas brigas podem ser entre mães e filhos, entre irmãos, entre famílias etc. As brigas tendem a acontecer por conta da celebração que está sendo organizada. Em casamentos é muito comum que pelo menos um membro da família esteja em desacordo com a união e, por conta disso, ocorrem desentendimentos, que muitas vezes acarretam brigas físicas. Esses comportamentos são exibidos tantas vezes, que fica subentendido para o telespectador que esse é um traço da cultura cigana, como uma espécie de estilo de vida.

Figura 3 - Briga (Ep. 6)



Fonte: Youtube

A atração é conhecida pelos conflitos e vestidos chamativos, por isso, muitos espectadores questionam se essas desavenças são criadas apenas para fomentar mais enredo para os episódios ou se são confusões verídicas. De acordo com uma matéria jornalística realizada pela revista In Touch (WHITE, 2018), o reality show é tão falso que nem os casamentos são reais. A reportagem traz ainda relatos de ex-participantes do reality show, que afirmam que os produtores do programa se esforçavam para obter narrativas específicas, como contratar atores e simular

casamentos. Em 2014, a ex-participante Priscilla Kelly contou em uma publicação ³ em seu Facebook que foi incentivada pelos produtores a casar para que eles tivessem um conteúdo para exibir na televisão. Além disso, os vestidos extravagantes seriam exagerados para chamar atenção dos espectadores. "Não conheço nenhuma cigana nos Estados Unidos que tenha vestidos de noiva tão grandes, eles simplesmente não usam", escreveu Priscilla. Ademais, algumas tradições como a de bailes ciganos anuais seriam inventadas pelo TLC. "Nenhum cigano que eu conheça sabe de algum baile cigano anual", acrescentou a ex-participante. Dessa forma, é possível afirmar que o canal não só reforça os estereótipos, como cria narrativas para intensificar certos ideais.

Dessa forma, é possível afirmar que existe um apelo melodramático na narrativa do programa e esse melodrama se baseia no processo de geração de conflitos presentes durante o reality show. Para movimentar a trama e obter a atenção da audiência, a produção aposta na exposição de acontecimentos violentos e inusitados, com muitas lágrimas, gritos e, em algumas ocasiões, derramamento de sangue. Ou seja, o apelo melodramático é a aposta na emoção e também no exagero.

Portanto, ao optarem por essa abordagem que explora a cultura dos Romani dos Estados Unidos, o reality show espetaculariza os conflitos e auxilia na perpetuação dos preconceitos contra as comunidades ciganas, na medida em que coloca repetidamente os participantes como pessoas briguentas e violentas. As brigas e controvérsias acabam tomando protagonismo, o que culmina na manutenção da marginalização dos grupos ciganos.

É comum que sejam utilizados casos específicos para justificar preconceitos, exemplo disso é a grande quantidade de personagens que já tiveram problemas com as autoridades. Dessa forma, a atração induz o espectador a compreender que, por muitos personagens estarem nessa situação, é algo recorrente dentro das comunidades ciganas.

Fato é que a televisão tem o poder de educar positivamente ou negativamente, como qualquer meio de comunicação, pois desempenha um papel fundamental na disseminação de informações e na formação da opinião de seus

³ Informação retirada da matéria "My Big Fat American Gypsy Wedding' Is so Fake, Not Even the Weddings Are Real" da revista In Touch. Disponível em: <https://www.intouchweekly.com/posts/my-big-fat-american-gypsy-wedding-fake-157261/>

telespectadores. Ao mesmo tempo que as emissoras têm a capacidade de promover mudanças sociais relevantes e contribuir para uma sociedade mais atenta às mudanças do mundo, elas também têm o poder de causar impactos negativos, reforçando estereótipos de grupos marginalizados ou espetacularizando pessoas fragilizadas.

O TLC é um canal conhecido por exibir programas de cunho sensacionalista, que exploram a imagem dos participantes e os colocam em situações que muitas vezes são degradantes, como é o caso de muitas cenas do reality show trabalhado neste texto. Pessoas alcoolizadas e em brigas violentas são colocadas a todo momento em tela, ao ponto de causar ao espectador uma sensação de normalidade, como se fosse algo comum a realidade das pessoas que estão sendo retratadas. Ou seja: como se a violência fizesse parte da cultura dos povos ciganos, assunto que será mais explorado no próximo capítulo a partir das representações dos povos ciganos na mídia.

2. REPRESENTAÇÕES MIDIÁTICAS DOS POVOS CIGANOS E SEUS ARQUÉTIPOS

O estudo das representações midiáticas dos povos que configuram minorias sociais e étnicas busca entender como as imagens desses grupos excluídos são apresentadas ao público através de produtos culturais. De acordo com Woodward (2000, p. 17-18), é através dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência, o que somos e o que podemos nos tornar.

Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar. Por exemplo, a narrativa das telenovelas e a semiótica da publicidade ajudam a construir certas identidades de gênero. Em momentos particulares, as promoções de marketing podem construir novas identidades como, por exemplo, o “novo homem” das décadas de 1980 e de 1990, identidades das quais podemos nos apropriar e que podemos reconstruir para nosso uso. (WOODWARD, 2000, p. 18)

Freire Filho (2004 p. 45) afirma que debates públicos e análises acadêmicas de representações desfavoráveis acerca de minorias costumam girar em torno de um termo: estereótipo. A palavra ingressou no vocabulário das ciências sociais na década de 1920 graças ao escritor e colunista Walter Lippmann. Em seu livro *Public Opinion* (1922), o autor oferece duas definições distintas de estereótipo. A primeira como um modo necessário de processamento de informações, principalmente em sociedades diferenciadas; uma forma de criar uma sensação de manutenção da ordem.

Esta definição equipara o estereótipo a outros padrões mais amplos de tipificação e representação, indispensáveis ao processo cognitivo mediante o qual estruturamos e interpretamos experiências, eventos e objetos diversificados e complexos. O argumento de que representações seletivas, parciais, ultra-simplificadas e instrumentais do Outro são parte integral do processamento mental dos estímulos atravessa grande parte da pesquisa na área da psicologia social, com repercussão nos campos da ciência política, da história e dos estudos culturais e midiáticos. Tal premissa nos leva, porém, à temerária conclusão da necessidade do estereótipo, inocentando seus perpetradores, e deixando-nos inermes diante do

racismo, da xenofobia e da discriminação sexual. (FREIRE FILHO, 2004 p. 46)

Já a segunda definição mostra os estereótipos como construções simbólicas enviesadas, sem consideração racional e rígida em relação a mudanças sociais. Ou seja: este conceito, de índole mais política, considera que a divulgação através da mídia de uma representação inadequada de minorias sociais e étnicas é considerada como um problema para o processo democrático, pois esse sistema necessita de cidadãos esclarecidos.

Logo, a julgar, apenas, por esta última (e mais proveitosa) tentativa de definição, os estereótipos, a exemplo de outras categorias, atuam como uma forma de impor um sentido de organização ao mundo social; a diferença básica, contudo, é que os estereótipos ambicionam impedir qualquer flexibilidade de pensamento na apreensão, avaliação ou comunicação de uma realidade ou alteridade, em prol da manutenção e da reprodução das relações de poder, desigualdade e exploração; da justificação e da racionalização de comportamentos hostis e, in extremis, letais (FREIRE FILHO, 2004 p. 46)

Stuart Hall considera que a estereotipagem reduz, essencializa, naturaliza e fixa a diferença. Além disso, ela implanta uma espécie de divisão entre o normal e o aceitável do anormal e o inaceitável. Posteriormente, ela exclui tudo que é considerado diferente.

A estereotipagem, em outras palavras, é parte da manutenção da ordem social e simbólica. Ela estabelece uma fronteira simbólica entre o “normal” e o “pervertido”, o “normal” e o “patológico”, o “aceitável” e o “inaceitável”, o “pertencente” e o que não pertence ou é o “Outro”, entre “pessoas de dentro” (insiders) e os “forasteiros” (outsiders), entre nós e eles. [...] A estereotipagem facilita a “vinculação”, os laços, de todos nós que somos “normais” em uma “comunidade imaginária”; e envia para o exílio simbólico todos Eles, “os Outros”, que são de alguma forma diferentes, “que estão fora dos limites”. (HALL, 1997, p.192)

Em uma matéria para a revista Esquinas (SCHMIDT; GABRIEL; OLIVEIRA,; CORTEZ, 2024), Roy Rogers Fernandes Filho, comunicólogo e cigano pertencente

à etnia Calón, afirma que existe uma luta constante pela desconstrução dos estereótipos relacionados a grupos ciganos e a mídia têm contribuído para manter. Segundo Roy, os reality shows, como *Meu Grande Casamento Cigano*, trazem uma espetacularização desses estereótipos.

Infelizmente, a representação dos ciganos na mídia hoje não é muito diferente de como sempre foi. As representações físicas a partir das linguagens culturais e artísticas também seguem sendo baseadas na cigana Esmeralda de *O Corcunda de Notre Dame*. Ou seja, que utilizam determinadas vestes e instrumentos. (FILHO, 2024)

Nesse sentido, em 1996 a Disney lançou *O Corcunda de Notre Dame* e essa obra se tornou uma das produções de maior alcance na cultura pop com personagens ciganos. A produção aborda a cidade de Paris no século XV e, no início tem a história narrada por um artista cigano chamado Clopin. Nesta narração, o artista conta a história de uma família cigana chegando à Paris de uma forma precária, às escondidas, quando são encontrados e barrados na cidade pelo Ministro da Justiça, Claude Frollo, que sente um ódio muito grande por ciganos. O homem cigano é levado preso pelos guardas, enquanto a mulher, que carregava um embrulho, é julgada por possivelmente carregar coisas roubadas, além de serem chamados de “gentalha cigana”. Ao fugir, a mulher consegue ser alcançada pelo ministro e é morta com o tal embrulho nos braços, que se revela um bebê deformado, considerado um monstro por Frollo. Após se dirigir a um poço para acabar com a vida da criança, o ministro é impedido por um arquidiácono, que o faz entender que cometeu atrocidades e que só poderia reparar seus erros se cuidasse da criança como seu filho. Frollo aceita desde que a criança more nas torres da Catedral de Notre Dame, escondida do resto da sociedade. Anos se passaram e Quasímodo, a tal criança deformada cresce como um homem marginalizado, abandonado, feio, corcunda, mas muito bondoso, que passa seus dias tocando os sinos da Catedral.

Somos apresentados posteriormente a Esmeralda, uma cigana que ganha a vida se apresentando em espetáculos de dança. Esmeralda e seu povo são extremamente julgados na cidade, com falas como: “Não cheguem perto, são ciganos! Roubam tudo que temos!” e “Ciganos não ganham dinheiro... roubam!”. A cigana passa a ser perseguida pelo ministro após defender Quasímodo de um

ataque preconceituoso da população durante um festival, realizar um discurso contra a perseguição ao povo cigano e fugir, usando magia. Nesse momento nos é mostrado que além de bonita, rebelde e corajosa, Esmeralda usa feitiçarias, o que colabora para essa visão excêntrica da personagem. Além disso, a personagem é colocada como objeto de desejo entre todos os homens que a rodeiam - inclusive Frollo, que sempre salienta o estilo pecaminoso da vida cigana. Esmeralda performa o estereótipo da mulher cigana que seduz com a dança, inclusive se comparada com as outras heroínas da Disney da época, pois a personagem é mais velha e mais sexualmente desenvolvida.

Esmeralda tem sua trama centrada em seu corpo feminino, em sua interação com o masculino e na percepção que os homens possuem dela, além de ter seu arco desenvolvido em chavões relacionados à sensualidade, beleza, magia, pecado e transgressão. Ao analisar obras que retratam o povo Roma, é notável a forma como as personagens consideradas femininas são descritas: hipersexualizadas e sexualmente disponíveis. (PASCHOAL; ASSUNÇÃO; PRESTES; LELIS. 2023, p. 508)

Figura 4 - Esmeralda



Fonte: Futari Combii

Apesar de abordar a invisibilidade e marginalização do povo cigano, o filme reduz a problemática da vida cigana. Ademais, persistem elementos do anticiganismo, como a hipersexualização de Esmeralda, estereótipos e caricaturas pejorativas. O filme também apresenta um final mais simpático ao telespectador, atribuindo a Esmeralda a imagem da justiça e a de Quasímodo a lealdade.

É com a intenção de mostrar a cultura e tradições dos povos Romani do século XVI, que surgem reality shows como *Meu Grande Casamento Cigano*. Porém, esses programas televisivos também são propagadores de estereótipos, na medida em que, para gerarem entretenimento, reduzem narrativas e espetacularizam tradições, culturas e hábitos. Dessa forma, é possível analisar arquétipos, que servem como modelos de referência para padrões de comportamento entre participantes representados nesses programas televisivos.

Os arquétipos, de acordo com Carl Gustav Jung, são padrões de comportamento, símbolos e imagens que estão presentes no inconsciente coletivo, a parte mais profunda do inconsciente humano. O psiquiatra acreditava que esses arquétipos são heranças ancestrais dos povos e apresentam padrões de comportamento elaborados ao longo do processo de evolução humana. É intrínseco ao ser humano a construção de mitologias e a associação de valores pré-estabelecidos, que são desenvolvidos ao longo da vida, a partir de processos educativos e da convivência social.

Enquanto o inconsciente pessoal é constituído essencialmente de conteúdos que já foram conscientes e, no entanto, desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos, os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e, portanto, nunca foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas à hereditariedade. Enquanto o inconsciente pessoal consiste em sua maior parte de complexos, o conteúdo do inconsciente coletivo é constituído essencialmente de arquétipos (JUNG, 2014, p. 51).

Para que um programa de televisão vá ao ar, é necessário um longo processo de preparação. É preciso desde a definição do público-alvo, do gênero e formato até a elaboração do roteiro, por exemplo. Além disso, é necessário um esforço da produção para que o público se identifique com os personagens que estão sendo expostos no produto audiovisual. Dessa forma, muitas vezes são utilizados os arquétipos para a distribuição dos heróis e vilões dos enredos. Nesse sentido, é possível observar três padrões de comportamento recorrentes entre os participantes do reality show. Neste trabalho, eles serão divididos entre: Arquétipo da Mãezona, Arquétipo do Machão Briguento e Arquétipo da Cigana Selvagem.

2.1 Arquétipo da Mãezona

O episódio 1 da primeira temporada, intitulado como “Noivas Ciganas Virgens”, apresenta como uma das personagens principais uma adolescente de 17 anos que planeja seu casamento com um rapaz de 18 anos que mal conhece. No episódio é introduzido ao espectador o que é esperado de uma jovem cigana: que ela seja uma boa dona de casa, virgem e que dê o primeiro beijo em cima do altar no dia de seu casamento. “Quero uma coisa nova, não uma coisa usada”, diz o noivo retratado no primeiro episódio.

Como destacado anteriormente, no reality show é mostrado que as mulheres ciganas têm como responsabilidade cuidar da casa, cozinhar, limpar, cuidar da família (muitas vezes isso inclui não só cuidar do marido e dos filhos, mas também de outros parentes) e, claro, cuidar de si mesma. Nesse sentido, o primeiro arquétipo que pode-se observar ao longo dos episódios é o “Arquétipo da Mãezona”: Todas as famílias retratadas na atração apresentam pelo menos uma mulher que assume esse papel. É a figura feminina que age de acordo com as regras estabelecidas pela comunidade, se comporta de maneira mais recatada, é esposa, mãe e tem como ocupação principal o cuidado de sua família (filhos, irmãos e netos) e da casa. São criadas para serem donas de casa, então não costumam frequentar a escola por muito tempo, tem poucas relações com homens de fora da família e geralmente se casam muito cedo, antes de atingirem a maioridade. Antes de se tornarem mães, seguem o padrão mostrado no primeiro episódio, sendo a “Noiva Cigana Virgem”.

É esperado que não bebam, nem saiam de casa sozinhas, sem a companhia de alguém da família. São mostradas como sogras dominadoras, extremamente superprotetoras com seus filhos, como representado no episódio 6, intitulado “Duelo no Altar”, onde uma desavença familiar se inicia por uma briga entre sogra e nora. A partir dessa briga, a sogra passa a ser contra a união e profere muitas ofensas a nora. Essa mulher que desempenha o papel de sogra nessa situação se chama Nettie Stanley e ela é uma personagem muito marcante na primeira temporada da atração, principalmente pelo fato de aparecer em diversos episódios. Nettie é representada como a figura central de sua família. Ela cozinha, limpa a casa, cuida dos filhos, irmãos e sobrinhos. O marido trabalha viajando e quase nunca está em

casa, então é dela a responsabilidade de realizar todo esse cuidado sozinha. Esse é o maior exemplo desse arquétipo.

Figura 5 - Nettie Stanley e seus filhos (Ep. 4)



Fonte: Youtube

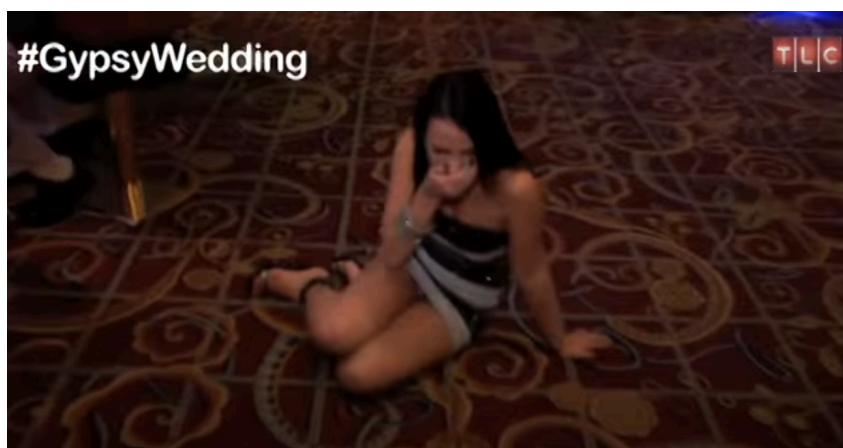
2.2 Arquétipo da Cigana Selvagem

Este arquétipo, muito bem ilustrado no episódio 4, intitulado “Mellie, a Cigana Selvagem”, corresponde a uma pessoa que foge do padrão do que a comunidade espera de uma mulher cigana. Em geral, são mulheres que não buscam por um casamento, festejam, bebem e se envolvem romanticamente com homens não-ciganos. No reality show são mostradas como figuras que apresentam comportamentos explosivos e erráticos, sendo retratadas como mulheres violentas e promíscuas. Costumam usar roupas provocantes e chamativas. Em comunidades mais conservadoras, apenas pelo fato de serem divorciadas, são consideradas “suja” e extremamente mal vistas. Dessa forma, é possível considerar que as personagens que correspondem ao Arquétipo da Cigana Selvagem têm comportamentos opostos aos que seguem o Arquétipo da Mãezona.

O episódio 4 tem como personagem principal uma mulher chamada Mellie Stanley, irmã de Nettie Stanley (personagem citada acima), uma mulher cigana que foge das regras da comunidade que é inserida, pois é divorciada, usa roupas provocantes, apresenta um comportamento mais impulsivo e sempre está inserida em alguma confusão. Mellie é mal vista até mesmo pelos membros da própria família, que acreditam que ela deveria se comportar melhor e seguir as tradições

ciganas, ou seja, encontrar um novo marido e formar uma família. Sempre colocada como contraponto às mulheres “certinhas”, Mellie afirma que seu comportamento é uma espécie de resposta contra situações de violência que viveu durante seu primeiro casamento. A participante ainda complementa que, por não tolerar mais esse tipo de situação, ela se tornou rejeitada.

Figura 6 - Mellie Stanley alcoolizada (Ep.4)



Fonte: Youtube

Uma problemática a ser analisada é a hipersexualização dessas mulheres durante o reality show. Mellie é mostrada dançando de maneira sexualizada, com poucas roupas, em situações degradantes e extremamente alcoolizada. Nesse sentido, é possível afirmar que a participante tem sua imagem explorada pela atração até mesmo em momentos de vulnerabilidade.

No programa televisivo, essa figura é representada por Mellie, mas também pode ser atribuída à personagem Esmeralda no filme “O Corcunda de Notre Dame”, justamente por ser uma mulher rebelde e livre, que enfrenta os preconceitos em prol da comunidade que faz parte. Esmeralda também é mal vista pela sociedade por ser uma mulher que age de forma disruptiva e, além disso, também é colocada como objeto de desejo.

2.3 Arquétipo do Machão Briguento

O episódio 3 da primeira temporada, intitulado como “O mundo é dos homens”, aborda como tema central o papel do homem cigano enquanto

trabalhador e provedor da casa. Apesar de mostrar a organização de dois eventos (um casamento e uma festa de aniversário), o episódio é centrado na forma que os homens ciganos se comportam e trabalham. As ocupações mais comuns apresentadas no programa são a pavimentação e a construção. Eles viajam por dias, às vezes semanas e meses, em busca de trabalhos em outras cidades, enquanto suas esposas ficam em casa cuidando dos filhos. Além disso, os homens também se destacam pela vaidade, usam muitos acessórios e utilizam como estilo comum os cabelos arrepiados para cima. A atração apresenta uma quantidade muito grande de homens que são ex-presidiários e sofrem bastante com o estereótipo de que são briguentos e violentos, algo ilustrado no reality show ao longo dos episódios.

Figura 7 - Homem Cigano (Ep. 4)



Fonte: Youtube

Portanto, o segundo arquétipo observado é o “Arquétipo do Machão Briguento”. Esses homens agem de acordo com o que foi ensinado. Costumam ser pais de família ou jovens que seguem as tradições que, em diversos momentos são retratados como homens violentos e que, por vezes sob influência de álcool, entram em brigas para defender sua dignidade e de sua família. É mostrado no reality show que é comum que os homens sejam incentivados a agirem dessa maneira.

Ademais, essas brigas mostradas nos episódios muitas vezes são encerradas na presença da polícia. Nesse sentido, é mostrado que alguns dos participantes da primeira temporada já tiveram problemas com as autoridades. Também é possível notar que os participantes em geral tem bastante receio da

polícia e que eles dão a entender que existe um certo preconceito das autoridades em relação à essa minoria étnica.

2.4 Reflexão a partir dos arquétipos

Os arquétipos nos auxiliam a compreender melhor os modelos de comportamentos repetidos ao longo do reality show. Apesar de serem facilitadores no momento da análise, eles são, de certa forma, reducionistas, pois diminuem a diversidade das experiências de cada indivíduo, criando uma padronização na representação das comunidades ciganas. Como o estereótipo é reforçado através da repetição, esses arquétipos são colocados como parte fundamental da cultura, impondo características que são fixas. De acordo com o autor Stuart Hall, a estereotipagem reduz, essencializa, naturaliza e fixa a diferença. Dessa forma, as reproduções de homens e mulheres ciganos em *Meu Grande Casamento Cigano* sugerem ao espectador que todos os Romani se comportam da mesma maneira, gostam das mesmas coisas e vivem vidas semelhantes, quando na realidade os grupos ciganos são plurais.

Nesse sentido, é possível afirmar que através da repetição desses arquétipos, cria-se uma narrativa ainda mais estereotipada das comunidades ciganas, pois a sensação é de que se esse padrão é repetido tantas vezes, essa é a realidade desses povos. O perigo dessa representação errônea se torna ainda maior, pois o programa é caracterizado como um reality show, que tem como premissa a demonstração da realidade, portanto, esse modelo de programa é ainda mais passível de reforçar estereótipos e preconceitos.

3. REPERCUSSÃO E EFEITOS CAUSADOS PELOS ESTEREÓTIPOS

De acordo com um estudo de 2020, do Centro de Saúde e Direitos Humanos de Harvard FXB em colaboração com a Voice of Roma, dois terços dos ciganos estadunidenses entrevistados concordam que os programas de televisão estadunidenses retratam os Romani de forma negativa. Além disso, como uma consequência direta da propagação dos estereótipos negativos acerca das comunidades Romani, 70% das pessoas de origem cigana nos Estados Unidos ocultam sua identidade, temendo retaliações. Segundo o cineasta cigano-americano George Eli, os reality shows deturpam os povos Romani, os retratando como "como criaturas místicas, vampiros, vagabundos, mendigos nômades, criminosos, ladrões e batedores de carteira" (tradução nossa).

Meu Grande Casamento Cigano foi um produto televisivo controverso. Apesar de muito assistido, sofreu com críticas relacionadas ao seu sensacionalismo e má interpretação dos povos Romani. Além disso, ao invés de celebrar as tradições ciganas, o programa opta em ridicularizá-las, com uma falta de nuances, pouca profundidade na representação das comunidades e na espetacularização de conflitos, o que gera a manutenção dos preconceitos.

Em uma matéria da revista Slate⁴, a editora Torie Bosch (2012), classifica o reality show como tão horripilante, bizarro e compulsivamente assistível quanto o originalmente produzido na Inglaterra. Ressaltam também toda a questão das tradições completamente conflitantes entre conservadorismo extremo e uso de roupas tidas como vulgares. Ademais, evidenciam uma manipulação por parte da produção e participantes que parecem se exibir diante das câmeras.

Já a revista Variety⁵ (LOWRY, 2012) o considera só mais uma excentricidade subcultural do canal TLC, como "o equivalente televisivo de um espetáculo de carnaval" (tradução nossa). Afirmar também que o reality show aparentemente busca um tom respeitoso, mas acaba imerso no "drama". Além disso, destaca que possivelmente os espectadores ficam horrorizados e essa é exatamente a emoção e "curiosidade mórbida" que o canal busca.

⁴ Matéria da Revista Slate. Disponível em: <https://slate.com/human-interest/2012/05/my-big-fat-american-gypsy-wedding-on-tlc-reviewed.html>

⁵ Matéria da Revista Variety. Disponível em: <https://variety.com/2012/tv/reviews/my-big-fat-american-gypsy-wedding-1117947453/>

Ademais, a emissora televisiva TLC utiliza da repetida exposição de conflitos familiares, violência verbal e física entre os participantes para construir o que o pensador francês Guy Debord nomeia de “sociedade do espetáculo” (1967). Nessa concepção, Debord argumenta que a sociedade é dominada pelo espetáculo e que uma representação da realidade se torna mais importante que a própria realidade. Segundo ele, o espetáculo é uma manifestação da alienação, onde as relações perdem sua autenticidade. Nesse sentido, o reality show transforma o real em representações sensacionalistas que aspiram mais a audiência do que a exposição da verdade.

O espetáculo, compreendido na sua totalidade, é simultaneamente o resultado e o projeto do modo de produção existente. Ele não é um complemento ao mundo real, um adereço decorativo. É o coração da irrealidade da sociedade real. Sob todas as suas formas particulares de informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto do entretenimento, o espetáculo constitui o modelo presente da vida socialmente dominante. Ele é a afirmação onipresente da escolha já feita na produção, e no seu corolário — o consumo. A forma e o conteúdo do espetáculo são a justificação total das condições e dos fins do sistema existente. [...] (DEBORD, 1967, p. 5)

Fato é que os grupos ciganos sempre foram abordados negativamente na cultura pop e pela mídia estadunidense, algo que é reflexo do histórico de violência e discriminação contra esses povos. As comunidades Romani são complexas e diversas, porém o programa televisivo opta por uma abordagem estereotipada e espetacularizada, que evidencia os conflitos e ridiculariza costumes. Stuart Hall afirma que “a estereotipagem tende a ocorrer onde existem enormes desigualdades de poder” (1997, p.192), isso significa que geralmente é dirigido a grupos historicamente marginalizados ou excluídos, como os ciganos.

Em suma, a estereotipagem é aquilo que Foucault chamou de uma espécie de “poder/conhecimento” do jogo. Por meio dela, classificamos as pessoas segundo uma norma e definimos os excluídos como o “Outro”. (HALL, 1997, p. 192-193)

Uma pesquisa liderada pelo Centro sobre a Dinâmica da Diversidade (centro de pesquisa do Reino Unido) e apoiada pela Friends, Families and Travellers (organização voluntária sem fins lucrativos) identificou que as comunidades Romani e viajantes sofrem alguns dos mais altos níveis de preconceito racial, privação social e econômica e acesso precário à saúde e empregos. A pesquisa mostrou que 62% dos ciganos sofreram abuso racial, 47% foram vítimas de violência racial e 37% foram fisicamente agredidos. Os povos ciganos sofrem com um histórico de exclusão social e marginalização, algo que resulta em um cenário marcante de desigualdade social. Ademais, os povos ciganos sofrem com as imposições dos valores ocidentais e orientalistas que buscam segregar grupos que não são reconhecidos como estritamente europeus.

Em entrevista para a revista Voa (2011), George Eli afirma que os Romani se sentem alvos especialmente das autoridades. Na mesma matéria, um policial aposentado da cidade de Baltimore, Jon Grow, que lidera a Associação Nacional de Bunco, uma organização que combate a exploração de idosos, roubos por engano, fraudes e golpes diz que sua organização não tem como alvo específico os ciganos, porém, os suspeitos de crimes de confiança são frequentemente Romani. Aaron Williams, empreiteiro Romani, afirma que a polícia costuma ser tendenciosa e conclui que a motivação é apenas racial. Já o professor Ian Hancock, da Universidade do Texas, garante que os mesmos crimes cometidos por ciganos, são crimes consumados por qualquer outra população.

Os casos de discriminação e ataque contra pessoas Romani continuam ocorrendo no mundo todo. No ano de 2018, a Gazeta do Povo noticiou o aumento de ataques contra ciganos na Ucrânia. Objetivando uma “limpeza” das cidades do país, grupos ultraconservadores nacionalistas atiraram pedras, jogaram spray de pimenta e queimaram tendas em acampamentos ciganos. Apesar de tomar uma repercussão negativa, o grupo não foi responsabilizado e, em seguida, outros ataques ocorreram. A polícia só interferiu prendendo um dos suspeitos quando as agressões resultaram em uma vítima fatal.

Portanto, é possível afirmar que o racismo, a discriminação e a perpetuação de estereótipos afetam ativamente a vida das pessoas ciganas. Stuart Hall afirma que estabelecemos na estereotipagem uma relação entre representação, diferença e poder. Esse significado de poder não é apenas o que diz respeito a restrição ou coerção, mas sim poder de representação, de atribuir e classificar; poder simbólico;

o poder de representar um sujeito de uma maneira específica. Hall inclui que “o exercício do poder simbólico através das práticas representacionais e a estereotipagem é um elemento-chave deste exercício de violência simbólica” (HALL, 1997, p.193).

No que diz respeito à representação dos povos ciganos, os meios de comunicação social costumam transmitir uma imagem pré-estabelecida e historicamente construída, com generalizações a partir das características negativas desses grupos. A mídia é um dos grandes propagadores de estereótipos, pois auxiliam a perpetuar conceitos distorcidos que têm sido transmitidos ao longo dos séculos. De acordo com a matéria produzida pela revista Viento Sur (2021), se pensarmos em como a população cigana é tratada pelos meios de comunicação, iremos perceber que comumente a imagem será composta por 3 situações: 1) Uma relevância exagerada a associação dos ciganos à exclusão, marginalização e delinquência; 2) A exposição de situações de extrema exclusão social, com uma parte dessa população retratada de forma caricata, ofensiva e prejudicial, cheia de estereótipos negativos; 3) A representação dos povos ciganos apenas por um viés folclórico, artístico e romântico, carregado de estereótipos, com a visão da identidade artística cigana como a única perspectiva positiva possível. O reality show *Meu Grande Casamento Cigano* segue essa lógica, pois, ao abordar essas comunidades a partir de um viés sensacionalista, caricato e estereotipado, auxilia na perpetuação de preconceitos. O programa não é o causador do problema, mas o reforça.

3.1 Spin-off

Como resultado da popularização de *Meu Grande Casamento Cigano*, em 2013 surge *Irmãs Ciganas* (Gypsy Sisters em inglês), um spin-off também produzido e transmitido pelo canal TLC, que acompanhava o cotidiano de uma grande família liderada por mulheres ciganas Romanichel em Martinsburg, na Virgínia Ocidental, nos Estados Unidos. O reality show durou 4 temporadas e contou com 31 episódios, até ser cancelado no ano de 2015.

O elenco contava com dois núcleos familiares, um liderado pela já citada Nettie Stanley, que trazia no reality toda a sua família, tendo suas irmãs Mellie

Stanley e Joann Wells presentes como participantes principais. Já o segundo núcleo era liderado por Kayla Williams, prima de Nettie, Mellie e Joann. Kayla trazia em seu enredo sua irmã Annie Malone e sua cunhada Laura Johnston. Todas as personagens, com exceção de Joann, em algum momento já foram participantes principais de algum episódio de *Meu Grande Casamento Cigano*.

Figura 8 - Imagem de divulgação do Reality Show Irmãs Ciganas



Fonte: Pinterest

Por sua vez, se *Meu Grande Casamento Cigano* era considerado um produto controverso, *Irmãs Ciganas* causou ainda mais polêmica. Com as câmeras apontadas para uma família que já tinha sido amplamente exposta na primeira atração televisiva, o novo programa traz ainda mais drama. Os episódios focam basicamente na rotina das matriarcas, expondo o dia a dia, hábitos, excentricidades e confusões causadas pelas donas de casa ciganas. Assim como o programa focado nas festividades, o novo reality também mostra algumas tradições e costumes ciganos, porém, o foco é nas famílias de Nettie Stanley e Kayla Williams. Essas participantes foram escolhidas para serem o centro da narrativa do novo programa, pois foram protagonistas muito relevantes em *Meu Grande Casamento Cigano*. Além disso, são pessoas controversas, que apresentam estilos de vida compatíveis com o que o canal TLC tinha interesse de expor.

Mellie Stanley, personagem conhecida pelo comportamento rebelde, é ainda mais explorada durante essa nova reality show. Com mais tempo de tela, o reality show exhibe momentos marcantes da vida da participante, como seu segundo

casamento e sua primeira gravidez. Por outro lado, o programa aproveita ainda mais essa perspectiva de Mellie como “ovelha negra” da família, espetacularizando ainda mais comportamentos agressivos e vulgares. Ademais, ao focar nas intrigas e conflitos familiares, o reality show *Irmãs Ciganas* auxilia a perpetuar ainda mais o ideal que considera a violência como parte inerente da cultura cigana, pois um número maior de conflitos são espetacularizados no novo programa.

Em geral, o reality show foi visto como sensacionalista e focado nas brigas familiares, sem oferecer nenhum tipo de profundidade cultural, com representações simplistas. O programa aposta nas brigas e em situações extremas para manter o público atento e fiel à produção. Essa premissa se aproxima do conceito de conteúdo “trash”. De acordo com Mayka Castellano, o termo “trash” aparece associado principalmente a produções audiovisuais de baixo orçamento, que na maior parte dos casos não atende aos padrões técnicos e artísticos. “São objetos culturais que, em suma, são rejeitados pelos chamados árbitros do gosto”, destaca a autora. Em reality shows, se encaixam como programas que são considerados vulgares ou exploradores, com foco no drama, conflitos, temas exagerados e sensacionalismo.

A má qualidade técnica é, sem dúvida, um fator importante na identificação de um produto como trash. No entanto, grandes produções também podem ser consideradas trash, se, apesar de contarem com grande suporte técnico, resultarem em um filme “muito ruim” do ponto de vista artístico. Desta forma, em vez de buscar uma definição somente através de elementos, optei por pensar no conceito de trash como uma forma específica de se fazer e assistir cinema. Ou seja, opções disparatadas, recursos sem cabimento, narrativas que buscam a inverossimilhança, quebras de expectativa através do nonsense, do exagero, do artifício, soluções incautas, uso de efeitos especiais descontextualizados, atuações ridículas, situações propositalmente apelativas, humor involuntário (ou deliberado), violência descabida que resultem em um produto final que atenda às expectativas de um determinado grupo de espectadores, em detrimento da aprovação do senso comum e das esferas tradicionais de legitimação cinematográfica. (CASTELLANO, 2010, p. 285-286)

Já em seu artigo “‘É bom porque é ruim!’ Considerações sobre produção e consumo de cultura trash no Brasil” (2010), Mayka introduz outro conceito: o camp.

Através da discussão acadêmica pelo gosto ou mau gosto, a autora entrou em contato com o conceito da “sensibilidade camp”, teoria de Susan Sontag, que é sintetizada pela máxima “é tão ruim, que é bom”. É um tipo de arte ou produto que é associado diretamente ao “mau gosto”, fortemente ligado ao surgimento de indústrias culturais e o de um novo público consumidor, que deseja absorver produtos de fácil acesso. Esse conceito atribui um entendimento da razão pelo consumo desses produtos considerados “ruins”, “péssimos”, “bregas” e “toscos” pelo público geral.

Além disso, o consumo desse tipo de conteúdo para alguns telespectadores é associado ao conceito de “guilty pleasure”, em português traduzido por “prazer culposos”, que é quando um conteúdo de mídia é apreciado apesar do consumidor entender que é uma obra de baixa qualidade ou vista como incomum. Por exemplo: uma pessoa pode gostar de um filme, embora reconheça que ele é mal feito ou visto de forma desfavorável, o que, de certa forma, pode gerar vergonha, por isso o sentido de “culpa”.

Dessa forma, é possível encaixar os programas *Meu Grande Casamento Cigano* e *Irmãs Ciganas* nessas classificações de produtos “trash” e “camp”. Isso porque são programas apelativos, sensacionalistas e focados no drama, que apresentam a cultura cigana ao público por um viés estigmatizante e seguem a linha do “mau gosto”. Ademais, são programas de fácil consumo e focados em suprir os desejos da audiência que, em geral, anseiam por consumir conteúdos alienantes, repletos de estereótipos sobre as comunidades a que se referem.

Em conclusão, reality shows como *Meu Grande Casamento Cigano* e *Irmãs Ciganas* optam por retratar as comunidades Romani de uma maneira sensacionalista, superficial e exagerada, priorizando a exposição dos conflitos e a reprodução de estereótipos negativos. Esse tipo de conduta corrobora para a marginalização dos povos ciganos, além de auxiliar na perpetuação de preconceitos. Diante desse cenário, é fundamental repensar a maneira que os meios de comunicação retratam grupos historicamente excluídos, reconhecendo o impacto simbólico e social que essas representações têm na manutenção das desigualdades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de conclusão de curso de graduação teve como objetivo analisar a forma com a qual as comunidades Romani dos Estados Unidos foram retratadas no reality show *Meu Grande Casamento Cigano*, produzido pelo canal de televisão TLC. Para isso, foi utilizado como metodologia principal a análise dos episódios 1 (Noivas Ciganas Virgens), 3 (O Mundo é dos Homens), 4 (Mellie, a Cigana Selvagem) e 6 (Duelo no Altar) da primeira temporada do reality show, além de textos como referenciais teóricos, principalmente de autores como Edward Said, Stuart Hall e Walter Lippmann.

Inicialmente, trabalhamos com definições acerca da origem dos povos ciganos e seu histórico de perseguições ao longo dos séculos. O primeiro capítulo é uma exposição sobre o reality show *Meu Grande Casamento Cigano* e nele foram discutidas as questões abordadas durante o programa, como estilo de vida, divisão do trabalho, festividades e conflitos. No segundo capítulo foi realizada uma reflexão acerca das representações dos povos Romani nos meios de comunicação e um levantamento dos arquétipos reproduzidos no programa de televisão analisado. No terceiro capítulo, refletimos sobre a repercussão e os efeitos causados a partir dos estereótipos criados pela sociedade e que são propagados pela mídia.

A análise evidenciou que o reality show *Meu Grande Casamento Cigano* cumpre com a premissa de introduzir os telespectadores à cultura cigana estadunidense tendo como pano de fundo as festividades, porém, o produto televisivo acaba por reforçar estereótipos e preconceitos históricos sobre os povos ciganos na medida em que se utiliza de uma abordagem sensacionalista, retratando-os de forma caricata, com foco nos conflitos familiares, o que contribui para uma visão pouco fiel a diversidade cultural existente nesses grupos.

O programa, que foi mal visto não só por membros das comunidades ciganas, mas também por não-ciganos, opta por apresentar enredos melodramáticos e repletos de conflitos como ferramenta para entreter, engajar, fidelizar um público de telespectadores. Durante o programa são muitos os acontecimentos violentos e controversos e, por essas situações serem exibidas repetidamente, se torna subentendido para o espectador que o que está sendo exposto é um traço da cultura cigana. Essa espetacularização dos conflitos é o ponto central na perpetuação dos estereótipos negativos relacionados aos Romani,

pois os coloca como pessoas briguentas, violentas e não confiáveis, além de esvaziar a complexidade da cultura dos povos Romani e distanciar o público da real compreensão acerca destas comunidades. Ao destacarem os escândalos e brigas, o programa molda o entendimento dos telespectadores, levando o público a compreender que tais comportamentos são inerentes à cultura cigana, o que reforça estigmas e alimenta o racismo.

Ademais, por se tratar de um programa que busca mostrar a “realidade” sobre esses grupos, a representação discriminatória é ainda mais legitimada. O real compromisso do programa não é com a verdade, mas sim com a ficcionalização e espetacularização do cotidiano. A grande problemática desse tipo de programa é que a premissa do gênero televisivo cria uma falta de nitidez entre o real e o não-real, o que acaba sendo ainda mais preocupante quando se trata de um programa que busca mostrar o cotidiano de comunidades que são historicamente marginalizadas, especialmente em países ocidentais.

Além disso, é possível afirmar que o reality show fomenta a reprodução de padrões de comportamento em todos os episódios, ou seja: é um formador de arquétipos, que neste trabalho foram analisados e definidos como os da Mãezona, da Cigana Selvagem e do Machão Briguento. A manutenção dos estereótipos, abordados amplamente neste trabalho, são muito prejudiciais para os povos ciganos, pois, além de homogeneizar grupos que são plurais e ricos culturalmente, justificam atos de preconceito e intolerância contra essas comunidades.

Por fim, este estudo espera ter contribuído para a desmistificação de preconceitos contra as comunidades ciganas através da localização e problematização dos recursos e ferramentas que são utilizados na criação de imaginários contra essas comunidades, que são constantemente estigmatizadas e sofrem com um forte descrédito no que diz respeito a sua moral e ética. A má representação desses grupos contribui para a sua marginalização na sociedade, o que dificulta a compreensão da complexidade histórica e cultural dos povos Romani.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARCAS, Marcio Edovilson; PAES, Ademilson Batista. A invisibilidade cigana: uma análise sobre a representação dos ciganos no olhar do gadje (não cigano). *Trilhas da História*, v. 10, n. 19, 2020.

BOSCH, Torie. The Gypsies Are Coming to America. Slate, 2 mai. 2012. Disponível em: <https://slate.com/human-interest/2012/05/my-big-fat-american-gypsy-wedding-on-tlc-reviewed.html>

CASTELLANO, Mayka . **“É bom porque é ruim!” Considerações sobre produção e consumo de cultura trash no Brasil**. 2. ed. Porto Alegre: Em Questão, 2010. 285-286 p. v. 16.

CASTELLANO, Mayka . **Gosto cult: a proximidade velada entre o cinema de arte e a cultura trash**. 3. ed. REVISTA ECOPÓS, 2014. 285-286 p. v. 11.

COMANESCU, Laura. Representations of the Romanies in *My Big Fat American Gypsy Wedding*. *[Inter]sections*, n. 6.18, 2015.

CORCUNDA de Notre Dame. Direção: Gary Trousdale; Kirk Wise. [S.I.]: Walt Disney Animation Studios, 1996. 1 DVD (91 min.).

DEBORD, Guy . **A Sociedade do Espetáculo**. 1967.

DUELO NO ALTAR In: *Meu grande casamento cigano* [Seriado]. Estados Unidos: TLC; Discovery Communications LLC, 2012. 44 min., son., color. Temporada 1, episódio 6. Reality show exibido pelo MAX.

FILHO, J. F. Mídia, estereótipo e representação das minorias. *Revista Eco-Pós*, v. 7, n. 2, 2009.

GARCIA, Deomara Cristina Damasceno; VIEIRA, Antoniella Santos; PIRES, Cristiane Carneiro. A explosão do fenômeno: reality show. 2006.

MENDEL, Iuliia. **Aumentam os ataques contra ciganos na Ucrânia**. Gazeta do Povo, 2018. Disponível em:

<https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/aumentam-os-ataques-contra-ciganos-na-ucrania-01665h5cmo9qtfiwv4yxwtaue/>

GRIGORE, Cristiana. For Roma, life in US has challenges. *VOA News*, 6 abr. 2011.

Disponível em:

<https://www.voanews.com/a/for-roma-life-in-us-has-challenges-119394819/163156.html>.

HALL, Stuart. The work of representation. In: HALL, Stuart (org.).

Representation: cultural representations and signifying practices. London; Thousand Oaks; New Delhi: Sage Publications, 1997.

HALL, Stuart. Cultura e representação. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio Apicuri, 2016.

HANCOCK, Ian F. Romani Americans (Roma). *Handbook of Texas Online*, 2024.

Disponível em: <https://www.tshaonline.org/handbook/entries/roma-gypsies>.

HELENA, Hirata; KERGOAT, Danièle. Atualidade da divisão sexual e centralidade do trabalho das mulheres. *Política & Trabalho*, n. 53, 2020. p. 1–23.

JABOR, A. Reality Shows matam fome de verdade. *Observatório da Imprensa*, 2002.

Disponível

em:

<http://observatoriodaimprensa.com.br/primeiras-edicoes/arnaldo-jabor/> .

JUNG, Carl Gustav. Simbologia da transformação. Petrópolis: Vozes, 2013.

LIPPMANN, Walter. *Public opinion*. London: The Free Press/Collier Macmillan, 1965.

LOWRY, Brian. My Big Fat American Gypsy Wedding. *Variety*, 26 Abr. 2012.

Disponível em:

<https://variety.com/2012/tv/reviews/my-big-fat-american-gypsy-wedding-1117947453/>

MATACHE, Margareta. It is time to address anti-Roma discrimination in the US, 30 Dez. 2022.

Disponível

em:

<https://www.aljazeera.com/opinions/2022/12/30/it-is-high-time-to-address-anti-roma-racism-in-the-us>

MATEUS, Samuel. *Reality show – uma análise de gênero*. Revista Comunicando, v. 1, 2012. 236 p.

MELLIE, a cigana selvagem. In: *Meu grande casamento cigano* [Seriado]. Estados Unidos: TLC; Discovery Communications LLC, 2012. 44 min., son., color. Temporada 1, episódio 4. Reality show exibido pelo MAX.

MY BIG FAT AMERICAN GYPSY WEDDING. [S.I.]: TLC, 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6fOvKodLeTA>.

National survey exposes racism and discrimination faced by Gypsy, Roma and Traveller people. **Friends, Families and Travellers**, 2023. Disponível em: <https://www.gypsy-traveller.org/news/national-survey-exposes-racism-and-discrimination-faced-by-gypsy-roma-and-traveller-people/>.

NOIVAS CIGANAS VÍRGENS. In: *Meu grande casamento cigano* [Seriado]. Estados Unidos: TLC; Discovery Communications LLC, 2012. 44 min., son., color. Temporada 1, episódio 1. Reality show exibido pelo MAX.

O MUNDO É DOS HOMENS. In: *Meu grande casamento cigano* [Seriado]. Estados Unidos: TLC; Discovery Communications LLC, 2012. 44 min., son., color. Temporada 1, episódio 3. Reality show exibido pelo MAX.

OSTAPYK, Solomiya. Representing Romani and Travellers: sexualized “gypsy” women and (self-)orientalism in *My Big Fat Gypsy Wedding* and *Gadjo Dilo*. *Confetti - A World Literatures and Cultures Journal*, v. 5, p. 82–102, 2019.

PASCHOAL, Nina Ingrid Caputo et al. Orientalismo e anticiganismo na cultura pop: conceitos para uma análise de personagens femininas e masculinas. *Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*, v. 6, 2023. Edição 21.

PUSCA, Anca. Representing Romani Gypsies and Travelers: performing identity from early photography to reality television. *International Studies Perspectives*, 2013.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução: Rosana Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SAMBATI, Douglas Neander. O Holocausto cigano durante a Segunda Guerra Mundial. *Café História*, 19 mar. 2018. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/holocausto-cigano/>.

HEREDIA, Sandra . Antigitanismo, género y medios de comunicación. Viento Sur, 2021. Disponível em: <https://vientosur.info/antigitanismo-genero-y-medios-de-comunicacion/>

SCHMIDT, Jean Vitor et al. Quais os estereótipos criados em torno da etnia e cultura cigana? *Esquinas*, 7 jun. 2024. Disponível em: <https://revistaesquinas.casperlibero.edu.br/cotidiano/o-que-e-invisivel/quais-os-estereotipos-criados-em-torno-da-etnia-e-cultura-cigana/>.

SOUZA, Fernando Fernandes de. *A história do povo das estrelas: a exclusão, da exclusão da exclusão – holocausto e (in)visibilidade do povo cigano – a biopolítica de Giorgio Agamben: um perpassar no olhar através do pensamento de Foucault e Arendt*. Uberlândia: [s.n.], 2019. Trabalho de Conclusão de Curso.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010 [1985]. 133 p.

STANESCON, M. *Lilá Romai – Cartas Ciganas*. 3. ed. São Paulo: Leograf, 2007.

WHITE, Tiffany. ‘My Big Fat American Gypsy Wedding’ is so fake, not even the weddings are real. *In Touch Weekly*, 2 abr. 2018. Disponível em: <https://www.intouchweekly.com/posts/my-big-fat-american-gypsy-wedding-fake-157261/>.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual.